

Onde é aqui? Quando é agora?

Edna O'Shaughnessy, Londres

Se eu disser, como diversos colegas, que tento trabalhar no “aqui e agora”, posso evocar algumas discussões contemporâneas e alguns fragmentos de história sobre lugar e tempo em psicanálise. Freud descobriu, logo no *Projeto* (Freud, 1897), no que se refere aos problemas da sua teoria da sedução, que o *lugar* com papel mais determinante na doença do paciente não é a realidade externa, e sim, a realidade psíquica com suas fantasias inconscientes. Freud desenvolveu o método psicanalítico através das modificações que fez no que diz respeito ao *tempo*. Suas técnicas iniciais pretendiam “enfocar diretamente o momento em que o sintoma se formava” (Freud, 1911, pg. 147). O analista tentava ajudar o paciente a preencher as lacunas da memória – para lembrar como acontecera “lá e então”. Mais tarde, com a descoberta da transferência e da compulsão à repetição, Freud descobriu relações diferentes de tempo no “lá e então” e “aqui e agora”. Por meio do fenômeno da transferência, o passado se repete no presente e numa psicanálise se torna “um pedaço de vida real” (p. 152); isto é, “em cada momento acessível à nossa intervenção” (p. 154), Freud nos conta, “não devemos tratar a doença [do paciente], como um acontecimento do passado, mas como força atual” (Freud 1914, p. 151). Tudo isso tem implicações para a técnica analítica: a atenção flutuante do analista, como eu a entendo, paira sobre e busca iluminar a realidade psíquica enquanto a realidade material é mantida em relativa escuridão (não escuridão, note, mas relativa escuridão).

A mudança do foco analítico da realidade externa (“realidade prática ou material”, como Freud algumas vezes também a denominou) para a realidade psíquica foi posteriormente aprofundada e expandida pela descoberta de Klein de todo um território interno de objetos, um mundo inconsciente que está em interação com a realidade externa (Klein, 1946). E ainda mais tarde, a compreensão do papel da identificação projetiva entre paciente e analista trouxe mais luz sobre o processo de “transferência” entre paciente e analista, mostrando que não só a realidade psíquica do paciente está envolvida, mas, também, de forma diferente e importante, a realidade psíquica do analista (Klein, 1952); para ambos, paciente e analista, a transferência é, na frase de Freud, “um pedaço de vida real”.

Este fragmento de história que ofereço a guisa de introdução é para nos lembrar que lugar e tempo têm naturezas distintas numa psicanálise; eles são o “aqui” e “agora” da realidade psíquica. Neste artigo, ilustrarei e tentarei investigar este “aqui” e “agora” psicanalítico com material clínico da análise do Senhor X; primeiro, com o relato de como a análise dele começou e depois com o relato detalhado de uma sessão cinco anos depois.

Relato Clínico

O Senhor X, um homem ansioso, desconexo, de aparência jovem, com cerca de trinta e poucos anos, trabalhava numa corporação internacional. O mais novo de três irmãos, apresentou-se como “o caçula fraco que não sabe o que fazer”, o que parece ter sido seu papel vida afora. Ele disse que queria fazer análise por sentir solidão e insegurança; tinha poucos amigos e não tinha certeza da sua orientação sexual. Na primeira entrevista, descreveu um ou dois casos homossexuais sexualmente intensos, mas que interferiram em seus estudos e trabalho e também alguns relacionamentos curtos com moças que o escolheram e não que ele as escolhesse – a não ser por uma, secretária do seu local de trabalho. A moça engravidou, quis ter o bebê e continuar com ele. Mas os pais e irmãos do Sr X lhe disseram que ela preparara uma armadilha para fazê-lo se casar e o persuadiram a lhe dar dinheiro para abortar; o Senhor X vivia sentimentos de culpa e de fracasso a esse respeito. Disse que sua mãe era assustadora e não se interessava por ele, mas seu pai era sensível e mais humano.

A busca mais imediata de análise deveu-se a uma crise no trabalho: ele se envolvera com um colega que a seguir o tratou com desprezo em público, um homem que, nas palavras do Senhor X “atrapalhara as coisas para ele na firma” e então para seu desgosto um gerente sênior o ultrapassou numa promoção. Contou-me também que tinha “uma espécie de namorada” a quem dava dinheiro para compras e provisões para as refeições. Ela fazia o jantar; e faziam sexo com pouca frequência. Ele voltava geralmente para o seu apartamento à noite, às vezes bebia e assistia pornografia na internet.

O Senhor X começou a análise “sendo o novo caçula que não sabe o que fazer”: uma apresentação complexa que pretendia me conduzir a formar um par gentil e especial com ele. Eu ouviria seus medos e expectativas e lhe diria o que fazer. Mas percebi que os medos e expectativas que eu era convidada a enunciar eram os que ele já conhecia. Era um jeito de nos manter próximos e, ao mesmo tempo, nos manter distanciados do novo e do perturbador. O Senhor X era realmente “um novo caçula”, um novo paciente ansioso, assustado com o impacto da análise e a natureza da sua analista; também ficava ansioso, pois sentia que tinha pouco a oferecer no que diz respeito a comunicação e lutava com as forças dentro dele. Contudo, ao mesmo tempo, se eu escutasse com cuidado, podia ouvir como ele me despachava, bem como a si mesmo, atuando como “caçula fraco” com ar de quem não sabia estar fazendo isso e como se ele estivesse falando com uma analista tão desligada que não notaria, mas o acharia pequeno, gentil e agradável. Toda essa mistura tinha seu pathos, mas era também irritante, confusa e incapacitante. Com bastante frequência eu não sabia o que pensar ou o que selecionar dos muitos aspectos envolvidos. Minha irritação viria da sua projeção em mim de uma figura materna interna falsa e hostil? Ou minha irritação provinha da sua atuação que, mesmo enquanto comunicava algo, zombava e

estragava? Ou seria por ele me humilhar? Ou talvez os três? Contudo, eu também percebia sua necessidade por algo e, ao mesmo tempo, como ele era ansioso e inacessível, e como faltava ressonância ao que ele dizia – concretamente era apenas aquilo, sem qualquer outro matiz de significado (Joseph, 1993). Com frequência, tudo que eu tentava dizer parecia de alguma maneira errado e eu me sentia parecida com ele: eu também não sabia o que fazer. Eu me preocupava que o senhor X só viesse a obter de mim “uma espécie de análise”, e que nossa relação ficasse parecida com a relação dele com a “espécie de namorada”.

Geralmente, eu enfocava a atmosfera reinante de “não saber o que fazer”: como ele queria algo de mim e ao mesmo tempo era hostil e zombava de mim e dele. Ele tinha medo e não sabia o que fazer e se sentia ansioso de que eu também não soubesse o que fazer por ele e, assim, nada faríamos. Durante essa fase inicial, o Senhor X não contava sonhos, mas, um dia, de forma incomum, trouxe uma imagem. Descreveu como, a caminho da sessão, notou uma casa e seu jardim externo. Era um jardim arrumado que tinha sido cortado rente exceto por um canto onde havia uma planta com duas flores azuis delicadas. O que me pareceu inusitado e novo é que ele conseguira *perceber* a casa e como era o jardim e fora capaz de trazer para a sessão e contar como comunicação o que tinha visto. Foi um afastamento significativo da sua maneira concreta habitual de “*acting in*” comigo em relação ao conhecimento (Segal, 2008, pg. 65) e a aquisição de algum *insight* em certo nível de representação simbólica. Contei-lhe que, segundo pensei, a casa e seu jardim externo expressavam uma nova percepção de si mesmo, das sessões e de mim. Disse-lhe que nós éramos como duas flores num canto, próximas e delicadas uma com a outra, enquanto cortavam-se rente na sessão as coisas perturbadoras como sua hostilidade ou seu medo de que eu ficasse irritada e impaciente e pudesse não querer ser uma delicada flor azul com ele.

A comunicação da imagem das duas flores azuis em um jardim fora da casa e minhas interpretações a esse respeito são exemplos de paciente e analista tentando lançar luz ao “aqui e agora” da realidade psíquica em uma análise. Mas onde está “aqui”? Na realidade material o Senhor X estava em análise: vinha para as sessões e, em um canto do meu consultório, eu me sentava na minha cadeira e ele se deitava no divã. Contudo, na realidade psíquica, penso que ele estava num canto de jardim fora da casa da análise. Também lhe falei como ele tentava me fazer juntar-me a ele fora do enquadramento da análise e estar com ele em um modo terno especial que talvez fosse um pouco melancólico^{NT} também, sedutor e sexualizado. Penso que o Senhor X realmente entendeu. Por relatos feitos na época, esse era também o modo de ele tentar administrar as pressões psíquicas em seu local de trabalho. Ele se aproximava intimamente de alguém na firma e tentava sentir que estavam em um lugar apartado do local de trabalho, livre das angústias de rivalidade, diferença, hostilidade, competência, etc. O “aqui” do Senhor X pode ser em qualquer lugar e, nesse sentido, sem as restrições das particularidades da realidade. É como se ele estivesse em todos

^{NT} No original blue = azul, triste, melancólico.

os lugares. Bion mostrou com frequência a diferença entre espaço e tempo na realidade psíquica e na realidade externa; ele descreve, por exemplo, as enormes distâncias no espaço mental e no tempo do paciente psicótico (Bion, 1957). Houve períodos, de fato, da análise e fora desta em que o Senhor X acreditava realmente estar em um lugar “especial” com um relacionamento especial; ele tinha o que Britton chama de “contra-crença”: uma crença na realidade psíquica que cancela e substitui a realidade externa (Britton, 1995).

O Senhor X e eu nos esforçamos e, aos poucos, ele conseguiu permitir o retorno de algumas coisas que varrera para fora das sessões. De especial importância eram seus medos e dúvidas a meu respeito, a suspeita ansiosa e ressentida de que eu não tivesse um lugar genuíno para ele, não o queria nem o aceitava e que eu lhe era hostil e o desvalorizava. Na primeira entrevista, o Senhor X descreveu sua mãe como assustadora e sem interesse por ele; eu sentia que realmente poderia ter sido assim de tal forma que ele internalizara uma figura feminina como uma “casa” que não o deixava entrar e o mantinha do lado de fora.

Se no “aqui” em que paciente e analista estavam mudando e ficando menos limitados, o que dizer do “agora”? O Senhor X quase não tinha o sentimento comum de *duração* da sua vida. Não mencionava lembranças, encobridoras ou não, da infância ou posteriores; quase todos os fatos que mencionei, no início deste artigo, eu soube na primeira entrevista. Neste primeiro período, não lhe ocorriam lembranças nem ele vivia o que Klein chama de “memórias em sentimentos” (Klein, 1957). Ele falava apenas de coisas corriqueiras, como já ressaltéi antes, que não tinham ressonância. E quando interpretei que eu era a casa, uma figura feminina que não o deixava entrar, não foi com o intuito de fazer uma construção do passado, pois nesse estágio o Senhor X estava desconectado do seu passado. Em “The Schizoid Mode of Being and the Space-Time Continuum”^{NT} Henri Rey (Rey, 1994) descreve vividamente pacientes como o Senhor X cuja doença é, em parte, a perda de conexão. Eles romperam o fio da vida e, como Wolheim (1984) mostrou, o fio da vida está no cerne da unidade interna das pessoas e no centro da identidade pessoal (Flynn, 2008).

Deixo de lado a primeira fase da análise do Senhor X para apresentar uma sessão, cinco anos mais tarde, quando o Senhor X conseguiu obter a tão sonhada promoção. No dia anterior à sessão que relatarei o Senhor X participou de sua primeira reunião de Gerente Sênior como preparação para o novo posto que ocuparia algumas semanas depois.

A Sessão

O Senhor X chegou parecendo alegre. Depois de deitar, falou animadamente sobre a reunião do dia anterior, contando-me sobre as diversas pessoas presentes, os assuntos discutidos e sua participação. Seu relato fluente, que me agradou, era tão diferente da sua apresentação frequentemente cautelosa de si mesmo que, quando ele fez uma pausa, comentei que hoje ele podia me mostrar que estava feliz: ele se

^{NT} O Modo de Ser Esquizoide e o Contínuo Espaço-Tempo.

envolvera e aproveitara o fato de estar na reunião de Gerentes Sêniores. Essa observação mudou seu humor. Ele disse com raiva e desprezo: “Foi apenas infantil estar interessado numa reunião como essa”. E então, mais raivoso ainda, ele disse: “Você disse que *eles* eram os sêniores e não *eu*”. Ele repetiu: “Você disse isso!”, agora quase gritando. Eu mostrei sua mudança súbita de contentamento comigo para desprezo por ele e fúria comigo. Ele ficou quieto. Então, depois de certo tempo, eu disse que ele havia me escutado dizer, no ouvido da sua mente, que ele não era sênior quando em realidade eu não dissera aquilo. Mesmo quando eu disse, pareceu-me estranho dizer ao meu paciente que eu na verdade não dissera “Eles são sêniores e você não”, e só depois da sessão, como discutirei abaixo, pude começar a entender algo a respeito. Na própria sessão, em resposta à minha negação, o Senhor X persistiu e repetiu: “Você disse isso”. Respondi sugerindo que ele ficara tão alarmado pela erupção súbita da sua raiva e desprezo, quando chamara de infantil a reunião, que tirara isso de si e empurrara para dentro de mim, e então me ouvira, como mãe hostil, depreciando-o. O Senhor X não disse nada.

Depois de um longo intervalo, com esforço evidente, contou que tivera um sonho na noite anterior. Nesse sonho, o Senhor X já trabalhava na nova seção de trabalho da firma. Não estava vestido adequadamente. Usava roupas informais, jeans velho e camiseta. Uma secretária veio e disse: “Você não sabe que não deveria estar vestido assim? Você deveria vestir paletó e gravata como os Gerentes Sêniores”. Ela já tinha uma camisa, paletó e gravata preparados para ele. Ele os pegou e vestiu. De repente, havia um bebê sentado no seu ombro e então o bebê o chupou todo e molhou a roupa toda fazendo uma enorme bagunça. Ele percebeu que não poderia usar as roupas. Era desanimador e ele as tirou.

Quando o Senhor X terminou de me contar seu sonho, o tom era desesperançado e ele caiu novamente em longo silêncio. Pensei que era tudo complicado. O silêncio na sessão parecia combinar com a falta de esperança do sonho, sua desistência quando o bebê bagunçou suas roupas. Contudo, ele começara a sessão de um jeito tão diferente, envolvido e contente de conversar comigo, assim como ele estivera na reunião de gerentes sêniores do dia anterior, de maneira muito diferente do sonho subsequente, ele não precisara da secretária para lhe dizer como se apresentar adequadamente. Como agora, pensei, ele espera que eu lhe diga o que fazer – solicitar associações, encorajá-lo a falar e assim por diante – algo como o retorno ao nosso antigo local de “duas flores azuis”, no qual eu faria por ele algo que ele já sabia fazer por si. No entanto, ele conseguira me contar seu sonho. E, então, eu conjecturei: quem seria o bebê que estragava e molhava fazendo bagunça em seu sonho?

Como o Senhor X continuasse em silêncio eu lhe perguntei sobre a criança no sonho. Ele prontamente respondeu que sabia quem era a criança: era o filho do seu irmão. Na verdade, o filho de seu irmão fazia parte de tudo o que seu irmão mais velho tinha e que o Senhor X, que não tinha filho e tinha abortado seu único bebê, sentia-se

dolorosa e invejosamente privado. Em seu sonho, o filho do seu irmão que o molhara e bagunçara (e que na realidade tinha dez ou onze anos de idade) era um bebê do passado. O sonho se passava no futuro quando o Senhor X estaria trabalhando em seu novo cargo sênior; e destruía sua expectativa prazerosa de se sair bem em seu novo trabalho. Na sessão era o Senhor X quem, com desprezo raivoso, estragava o seu e o meu prazer na reunião de gerentes sêniores do dia anterior ao dizer: “foi apenas infantil estar interessado numa reunião como essa”. Ofereci minha interpretação de que, quando ele chegara contente e me contara sobre a reunião interessante, ele sentira que era meu filho, não o filho do seu irmão, mas o filho dos seus pais. Ele falava comigo, sua analista, como um genitor que ficaria satisfeito com seu sucesso.

Depois de um longo silêncio o Senhor X disse “Talvez”.

Prossigui dizendo que tínhamos visto um lado dele que ficara raivoso e invejoso porque a reunião de gerentes corraera bem e por seu prazer comigo e pelo prazer, percebido em mim, por sua conquista. Este lado dele detestava e estragava esses bons relacionamentos e os chamava pejorativamente de “infantis”. Em seu sonho, contudo, ele reconhecia que esse lado hostil era o bebê, o fardo que ele carregava sobre o ombro.

O Senhor X respondeu cautelosamente “Poderia ser assim”.

Nosso tempo acabou e a sessão foi encerrada.

Discussão do Material Clínico

Espero que se possa ver que, depois de vários anos, o Senhor X mudara, progredira em seu local de trabalho e, de certa maneira, se desenvolvera internamente. Na sessão relatada, ele não estava mais, como cinco anos antes, tentando estar em, ou construir, uma díade “flores azuis”. Para continuar com a imagem relatada de um jardim e uma casa, ele passara da formação de um par no jardim externo para a casa analítica comigo e contra mim. Nesse espaço, algumas coisas que ele antes varrera para fora estavam começando a retornar. Seu ego se fortalecera; ele sustentava certa proporção de contato sob pressão; ele conseguiu me contar, por exemplo, seu sonho mesmo depois de eu ter errado. Isto é, o Senhor X estava num lugar diferente. Além disso, os acontecimentos da sessão ganharam algumas (ainda que poucas) conexões com o passado e com o futuro: “agora” não era mais um momento esquizoide, mas recuperara algo da sua condição natural que, como B. J. O’Shaughnessy coloca, “é internamente ... *de - para* ... a vida da existência autoconsciente [tem]... uma extremidade que remonta ao útero e a outra se movimentando até o futuro não realizado” (O’Shaughnessy, 1980, vol. 2, p. 312).

Quando a sessão começou o Senhor X estava em um espaço edipiano, loquaz e alegre depois da bem sucedida reunião de gerentes do dia anterior, falando de um jeito que me agradou. Como sua analista, eu era o “eles” dos seus pais e ele era meu paciente no sentido de ser o filho dos seus pais, contente por estar se saindo bem e

me contar. Quando eu disse isso, em voz alta, é que ocorreu a mudança abrupta que formou o cerne emocional da sessão. Com súbita raiva e desprezo o Senhor X disse, “Foi apenas infantilidade estar interessado numa reunião como esta” e mais furioso ainda “Você disse que *eles* eram os sêniores, não eu”. E repetiu quase gritando: “Você disse isso!” Depois da sua explosão, eu fiz algo peculiar. Eu lhe disse que não dissera isso, enfocando apenas a realidade externa e sem prestar atenção suficiente à compreensão da sua experiência; foi um *enactment* meu, um “*acting in*”, como se diz. Não tenho certeza se isso decorreu da minha atitude defensiva, das suas projeções ou de ambas, mas, naquele momento, tornei-me realmente a mãe internalizada que lhe recusou espaço para abrigar sua situação emocional central. O Senhor X estava em um conflito que gerava confusão: queria relações humanas verdadeiras e quase simultaneamente interferia nelas. Tornou-se grande e superior às relações humanas verdadeiras, que – em reverso à realidade – ele denominou “infantis”. Quando falei em estar comigo e apreciar ser o filho de seus pais, despertei seu ódio. Além disso, roubei a grandiosidade do seu lado hostil, o que de fato ele já fizera no sonho em que expôs sua hostilidade como um bebê destruidor. Sua destrutividade ficou assim ameaçada de dentro e de fora. Revelou-se como um fardo infantil que o Senhor X carregava em seu ombro, que o fez se sentir grande através da mistura tóxica de destruição sexualizada; sua destrutividade chupou-o totalmente, fazendo uma enorme bagunça molhada, um grande falo destruidor. Tudo isso é para dizer que em seu novo movimento para situação edípica, a experiência do Senhor X era incoerente. Sua satisfação com o sucesso, juntamente com o sentimento de ser o filho de seus pais, o afligia com a perseguição de desmascaramento e depreciação.

Na sessão, só entendi parcialmente o que acontecia. Reconheci que ele estava numa situação edípica e teve que renegar e projetar imediatamente seu ódio destruidor em mim de tal maneira que “me ouviu” dizer, “Eles eram os sêniores, não ele”. Mas não reconheci a incoerência terrível da sua vivência: quando ele tem sucesso fica ao mesmo tempo arruinado. Penso também que na sessão o senhor X conservou certo senso de si como o filho de seus pais e, assim, conseguiu manter alguma ligação comigo. Esforçou-se, vocês se recordam, e me contou seu sonho embora tenha sido cauteloso sobre o que eu lhe disse, respondendo “pode ser” e “poderia ser”. Suspeito que eu não fosse uma figura totalmente má, para ele, e sim uma mistura perturbadora que o fazia ficar ansioso e defendido.

No entanto, perdi a oportunidade de entender e falar para o Senhor X sobre a erupção da sua orientação sexual incerta na sessão: como vimos ela surgiu numa situação edípica em que se identificou com seus pais e relacionou seu contentamento com eles. Conseqüentemente, irrompeu nele um ódio sexualizado – o bebê em seu ombro que o chupou inteiro – que o transformou em um enorme falo. Conceituado nos termos introduzidos por Dana Birksted-Breen (Birksted-Breen, 1996), o Senhor X não podia nem se estabelecer num espaço mental triangular edípico com um pênis como vínculo nem se estabelecer numa realidade psíquica de díades fálicas. E, de fato,

de modo pouco habitual, no dia seguinte o Senhor X voltou, preocupado e deprimido, e disse que pensara muito sobre ficar tão bravo comigo e também sobre seu sonho. Ele sabia que era tudo muito importante e queria conversar mais sobre isso. Foi importante ele ter feito assim ainda que estivesse um pouco distante e hesitante e eu fosse uma figura um pouco incerta para ele. Sua hostilidade permanecia quiescente embora eu pense que ambos sabíamos que logo ela irromperia de novo, como de fato ocorreu.

Se isso era “onde” estávamos, o que dizer quanto ao “agora” da sessão? Era muito do presente, em oposição a antes, tendo várias conexões com o passado. No sonho do Senhor X, havia o filho do seu irmão que, na verdade, tinha doze anos de idade; porém, no sonho, ele era um bebê que o Senhor X conhecera no passado, e que representava seu lado hostil imaturo como ele era quando bebê e que ainda era bebê: em outras palavras, não se desenvolvera. E na transferência da sessão, tornei-me uma figura materna hostil, que não tinha lugar para ele. Isto é, as relações precoces difíceis do passado com os pais e irmãos estava no “agora” da sessão. E, assim como seu passado *agora* havia também seu futuro. Seu sonho expressava seu mau pressentimento de que no futuro, quando ele estivesse realmente trabalhando na seção administrativa, o bebê em seu ombro, que era o fardo que ele carregava de rematada inveja e destruição, estragaria isso.

Tudo isso é para dizer que ao contrário de antes, em que ele vivia numa espécie de momento isolado, a duração adentrou a realidade psíquica do Senhor X. Havia agora um fio conectivo em sua vida. Dito de outra forma: antes havia atemporalidade, mas agora ele vive no tempo.

Comentários Finais

Na “Introdução Geral” da coletânea de artigos de Betty Joseph chamada *Equilíbrio Psíquico e Mudança Psíquica*, Michael Feldman e Elizabeth Spillius nos dão uma excelente avaliação da compreensão de Joseph e da necessidade da imediaticidade psíquica em nossa técnica (Feldman, Spillius, 1989). Em meu artigo que insere a abordagem kleiniana influenciada por Betty Joseph, apresentei trabalho psicanalítico no “aqui e agora”. Na cena plural contemporânea analisar no “aqui e agora” toma diversas formas na prática clínica tal como se vê na variedade de artigos em *Tempo e Memória* (Perelberg, 2007). Mas, continuam a ser expressos receios acerca dessa forma de trabalhar. A análise no “aqui e agora” foi denominada “fraca”; tem sido considerada um empobrecimento da psicanálise. Algumas pessoas expressaram a inquietação de que analisar no “aqui e agora” levará à desconsideração do passado do paciente e do seu mundo de fantasia inconsciente; o que seria especialmente terrível, pois se Freud nos ensinou algo foi exatamente a força do passado e o poder da fantasia inconsciente. Sem dúvida, o trabalho analítico pode ser fraco ou empobrecido, mas a pobreza do trabalho não advém do trabalho no “aqui e

agora”, mas exatamente do oposto. Deve-se a algum equívoco sobre o “aqui e agora”, por exemplo, de confundir a realidade material entre analista e paciente como se fosse tudo o que existe e de desconsiderar assim a realidade psíquica. Ou então se deve a desconsiderar o que está realmente presente no “aqui e agora” de uma psicanálise onde sempre acontece muito mais do que nós conseguimos perceber ou interpretar.

Penso que nas situações clínicas descritas acima podemos ver a variação no “aqui” e no “agora” do Senhor X. No começo da análise ele estava em um estado esquizoide angustiado, desligado das memórias do passado, repetindo simplesmente seu passado comigo de forma concreta e desprovida de fantasia. Sentia-se ameaçado por ansiedades persecutórias ingovernáveis e lutava para se proteger por meio de cisão constante e uma apresentação apaziguada de si mesmo como “o caçula fraco que não sabe o que fazer”; ele desejava me restringir e controlar para fazer um par gentil com ele. Em raras ocasiões, quando viu, por exemplo, as duas flores azuis num jardim exterior a uma casa, o Senhor X conseguiu encontrar um princípio de simbolização em material concreto equivalente à sua realidade psíquica. Posteriormente, como vimos na sessão detalhada, sua vida de fantasia ficou mais viva: seu sonho expressava a fantasia de todo o seu *self* tornar-se um enorme falo e a conexão com seu passado começou a se recuperar juntamente com expectativas de futuro. Além disso, houve uma interação importante entre realidade externa e psíquica: quando o Senhor X finalmente conseguiu sua promoção a sênior na realidade externa esta o afetou internamente o que, por sua vez, também afetou sua relação imediata com a analista. Ao invés de ser fraca ou empobrecida, sugiro que a natureza e as modificações no “aqui e agora” do Senhor X se mostraram complexas e cruciais para o processo analítico.

Além disso, penso que surgiu uma diretriz no que diz respeito à técnica. Para o analista a natureza do “aqui e agora” do paciente forneceu um indicador valioso para fazer ou não ligações com a história do paciente ou para falar ou não de fantasia. Com certeza, temos que esperar até que elas estejam na realidade psíquica do paciente.

Para concluir, este artigo é sobre o lugar e o tempo na realidade psíquica. Espero ter mostrado algo da natureza dos problemas do senhor X com tempo e espaço. À medida que a análise progrediu espero ter mostrado algumas mudanças nos lugares do Senhor X e sua desconexão e reconexões com o tempo, quando ele se moveu da díade em direção ao espaço familiar e edípico que era, contudo, um lugar perturbador e possivelmente de dificuldades irresolúveis para ele. Há uma necessidade humana por um lugar, um habitat na realidade material e também na realidade psíquica. Há também a necessidade natural de conscientização da duração através de memórias e expectativas. Neste artigo, no momento em que eu deixo o Senhor X, era dolorosamente incerto tanto para o paciente quanto para a analista – em que lugar e em que tipo de tempo na realidade externa e psíquica – o Senhor X seria capaz de se estabelecer ou se talvez ele permaneceria instável.

Resumo

De um ponto de vista kleiniano, influenciada por Betty Joseph, a autora descreve o “aqui e agora” característico de uma psicanálise como o lugar e o tempo do mundo interno subjetivo do paciente à medida que surge no trabalho de paciente e analista. Examina-se este “aqui e agora” psicanalítico através de material clínico da análise do senhor X; inicialmente com um relato de como começou a análise e posteriormente com uma sessão detalhada ocorrida cinco anos depois.

A autora identifica os problemas do Senhor X com tempo e lugar e como eles mudaram no curso da análise. Ele se move de relações sequestradas diádicas para um espaço familiar e edipiano, e da desconexão e atemporalidade para a aquisição de um sentido de duração, de estar no presente com um passado e um futuro – o artigo pretende mostrar que tudo isso têm implicações para a técnica.

Tradução: Raquel S. Nelken

Revisão Técnica: Tania Mara Zalberg

Referências

- Aguayo J (2011). The role of the patient's remembered history and unconscious past in the evolution of Betty Joseph's 'here and now' clinical technique (1959–1989). *Int J Psychoanal*, 92:1117–1136.
- Bion WR (1957). The differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *Int J Psychoanal* 38:266–275. [Reprinted in: (1967). *Second Thoughts: Selected papers on psychoanalysis*. London: Heinemann Medical Books.]
- Birksted-Breen D (1996). Phallus, penis and mental space. *Int J Psychoanal* 77:649–657.
- Blass RB (2011). On the immediacy of unconscious truth: understanding Betty Joseph's 'here and now' through comparison with alternative views of it outside of and within Kleinian thinking. *Int J Psychoanal*, 92:1137–1157.
- Britton R (1995). Psychic reality and unconscious belief. *Int J Psychoanal* 76:19–23.
- Busch F (2011). The workable here and now and the why of there and then. *Int J Psychoanal*, 92:1159–1181.
- Flynn D (2008). Exile: loss of connectedness. *Bulletin of BPAS*, 44: 8.
- Feldman M, Spillius B (1989). General introduction to *Psychic Equilibrium and Psychic Change*. In: Feldman M, Spillius B, editors. *Selected Papers of Betty Joseph*. London: Routledge.
- Freud S (1914). Remembering, repeating and working-through. In: Strachey S, editor. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: Hogarth Press.
- Freud S (1911–1913). The case of Schreber, papers on technique and other works. In: Strachey S, editor. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: Hogarth Press.

Joseph B (1993). No resonance. In: Horowitz MJ, Kernberg OF, Weinshel EM, editors. *Psychic structure and psychic change: Essays in honour of Robert S Wallerstein*. Madison: International University Press.

Klein M (1946). Notes on some schizoid mechanism. In: (1975). *Envy and gratitude and other works 1946–1963*. London: Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis.

Klein M (1952). The origins of transference. In: (1975). *Envy and gratitude and other works 1946– 1963*. London: Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis.

Klein M (1957) Envy and gratitude. In: (1975). *Envy and gratitude and other works 1946–1963*. London: Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis.

O’Shaughnessy BJ (1980). *The Will*. Cambridge: Cambridge University Press.

Perelberg RJ, editor (2007). *Time and Memory*. Psychoanalytic ideas series. London: Karnac.

Rey H (1994) The schizoid mode of being and the space–time continuum. In: *Universals of psychoanalysis in the treatment of psychotic and borderline states*. London: Free Association Books.

Segal H (2008). In: Quinodoz JM, *Listening to Hanna Segal*. London: Routledge.

Wollheim R (1984). *The thread of life*. Cambridge: Cambridge University Press.